

# AS ANOTAÇÕES DE VIAGEM DE GUIMARÃES ROSA PELO SERTÃO DE MINAS GERAIS

Mônica MEYER<sup>1</sup>

## RESUMO

A produção literária de João Guimarães Rosa tem sido muito pesquisada, particularmente o *Grande Sertão: Veredas*, mas permanece pouco explorado como o escritor produzia aquilo que ia escrever. Este artigo descreve as notas da Boiada, resultado da viagem de Guimarães Rosa, ao sertão de Minas, em 1952.

PALAVRAS-CHAVE: natureza; sertão; notas de viagem; Guimarães Rosa

## ABSTRACT

João Guimarães Rosa's literary production, mainly *Grande Sertão: Veredas*, has been studied by many researchers but not many of such researches have analyzed how the writer created the material he was writing about. Our purpose in this article is to describe the notes taken along the cattle conducting trips he undertook in the countryside of Minas Gerais in 1952.

KEYWORDS: nature, countryside, trip notes; Guimarães Rosa

Na hora de carregarem os caixotes no burro “Retrato”, diz-me o Quim:  
– Dr. João, se essa (na hora em que essa armadilha ) rolar tôda no chão,  
que escrita bonita que o Sr. vai fazer, heim? (Boiada 2, p.1)

## Introdução

O trabalho de campo e as notas de campo são atividades que, apesar de relevantes na produção de conhecimento, acabam se restringindo a temas de conversas informais, passagens pitorescas e desconhecidas do público e da maioria dos cientistas. A divulgação, na maioria das vezes, é restrita a um pequeno grupo.

Poucos pesquisadores tornaram públicas suas anotações. LÉVI-STRAUSS (1994) reproduz poucas páginas do caderno de notas, sugerindo ao leitor uma idéia da riqueza dos registros do antropólogo – textos, mapas geográficos, pautas musicais e desenhos. RIBEIRO (1996) publicou os seus diários de campo “sem retoques”, como gostava de frisar, após 47 anos da sua primeira expedição às aldeias dos índios Urubus-Kaapor.

Na literatura, o trabalho do escritor também permanece desconhecido. Suas leituras, coleta de dados, rascunhos que ajudam a tecer a trama do texto são ignorados pelos leitores. Poucos autores revelam seu processo de produção literária, que, parcialmente, pode ser conhecido através do arquivo pessoal. ANDRADE (1975) pesquisou as cadernetas de campo de Euclides da Cunha, registro da cobertura da Guerra de Canudos e matéria prima d’*Os Sertões*. Guimarães Rosa deixou um arquivo rico em documentos e anotações, fonte de pesquisa preciosa.

## Arquivo Guimarães Rosa

O Arquivo Guimarães Rosa, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiro (IEB) da Universidade de São Paulo, abrange três grandes séries: *vida*, *obra* e *diversos*. A **série vida** contém os documentos pessoais e a correspondência do autor. A **série obra**, os recortes de periódicos sobre Guimarães Rosa, recortes-duplicata, fontes para elaboração de obras, estudos para elaboração de

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - Faculdade de Educação da UFMG.

obras e os originais. Essa série encontra-se organizada em trinta e sete pastas, vinte e cinco cadernos e seis cadernetas, contendo vários estudos e assuntos os mais diversificados.

Guimarães Rosa mostra grande interesse pelos animais (principalmente os bois), por geografia (mar e rios), botânica e agricultura, vocabulários, expressões, provérbios, numismática, armas, heráldica, móveis e casa. Constam ainda nessa série, estudos religiosos, idiomas e dialetos, diários de viagens pelo interior do Brasil e alguns países da Europa. Da **série diversos** fazem parte as traduções, originais de outros autores, impressos avulsos e recortes vários.

A preocupação em nomear a coisa certa, exigiu de Guimarães Rosa um exercício constante e meticoloso de registro e coleta, que resultou uma enciclopédia artesanal para consulta pessoal. Todo o material coletado e as obras demonstram esse trabalho exaustivo do autor, confessado em entrevista a LORENZ (1974): *genialidade, pois sim. Mas eu digo: trabalho, trabalho, trabalho!*

No “Arquivo Guimarães Rosa” encontra-se **A Boiada**, denominação dada por Guimarães Rosa ao conjunto de notas sobre a viagem ao sertão de Minas Gerais, em 1952, objeto de estudo deste artigo. **A Boiada** foi corpus de pesquisas de VASCONCELOS (1984), LEONEL(1985) e MEYER (1998).

O gotejamento entre as notas e as obras demonstra que parte do acervo de Boiada foi recriado em *Grande sertão: veredas* e *Corpo de Baile*. LEONEL (1985, p.51) ao caracterizar e analisar o processo de criação de *Guimarães Rosa alquimista*, confrontou os apontamentos do Arquivo e os textos literários, usando como uma das fontes **A Boiada**. Segundo a pesquisadora,

o enredo, as personagens, sua fala, seus costumes, o local e a época em que se dão os fatos narrados em “Uma estória de amor” saíram de A Boiada. Em relação às demais novelas e sobretudo a “Buriti”, pode-se provar que as paisagens em determinadas quadras do ano, certos hábitos do sertanejo e dos animais já estavam registrados em A Boiada e na Grande Excursão a Minas.

VASCONCELOS (1984), interessada em rastrear a cultura popular registrada por Guimarães Rosa e sua recriação na obra, procurou averiguar de que forma se dá o aproveitamento erudito da matéria popular em *Uma estória de amor*. A autora utilizou o Arquivo Guimarães Rosa, principalmente as anotações de **Boiada**.

MEYER (1998) interessada em pesquisar a concepção de natureza de Guimarães Rosa, também consultou a Boiada e apresentou uma perspectiva inédita e pouco explorada no autor. Vários registros da natureza descritos na Boiada são recriados nas obras.

## **A Boiada**

O diário de viagem registra o tempo de permanência de Rosa no Sertão de Minas, no período de 10 a 28 de maio de 1952. A primeira parte refere-se à viagem do Rio de Janeiro até a fazenda da Sirga, próxima a Andrequicé, Minas Gerais. A segunda, registra a travessia da boiada da Sirga até a fazenda São Francisco. Durante esta trajetória de 10 dias e um percurso de 40 léguas (240 km), Rosa acompanha a comitiva formada por um grupo de vaqueiros (18 nos dois primeiros dias, reduzindo depois para 8), montado na mula Balalaika se intitulando vaqueiro-amador. Durante esse período no sertão de Minas (19 dias ao todo) anota numa caderneta as suas observações e conversas e comentários dos vaqueiros.

O material de Boiada está guardado em 4 pastas - 26, 27, 28 e 29 da série Estudos para a Obra (EO). A pasta 26 do EO contém, em 50 páginas, anotações sobre bois e vaqueiros e dois ensaios (em elaboração) A SAÍDA (19.05.52) e A BOIADA (na Sirga) baseados nos dados da caderneta de campo. Além deste material encontram-se as notas da Grande Excursão a Minas feitas no período de 3 a 13 de dezembro de 1945, nas primeiras vinte páginas iniciais. O ensaio A SAÍDA começa sendo datilografado e posteriormente passa a ser escrito à caneta tinteiro de cor azul marinho. O

outro ensaio, A BOIADA, alinhavava e costurava as informações e percepções pontuais da viagem, tecendo um texto mais estruturado. A pasta 27 tem o caderno do vaqueiro Zito e oitenta e seis páginas com anotações e comentários feitos a partir das pastas 28 e 29, que descrevem a viagem minuciosamente. Cabe ressaltar que as observações registradas nas pastas são transcrições literais das anotações na caderneta de campo e permitem reconstruir, com precisão, a viagem do escritor ao sertão de Minas em 1952.

### **Caderneta de campo**

Guimarães Rosa fez suas anotações numa cadernetinha de bolso pendurada ao pescoço por um barbante, tendo na ponta um lápis. O barbante todo ensebado ainda se encontra na caderneta 6, único exemplar da Boiada que faz parte da série Estudo para Obra do Arquivo Guimarães Rosa.

A cadernetinha, leve e fácil de carregar, possibilitava ao escritor escrever mesmo em situações adversas. Ela é do tipo “De Luxe” marca registrada, tamanho 15, pautada, capa dura de papelão cinza e espiral verde, possui 30 páginas numeradas contendo apenas os dois últimos dias da viagem.

O autor escreveu a lápis desde a primeira folha, anotando a data sempre à esquerda na margem superior. No princípio a caligrafia está bem legível e caprichada, mas gradativamente a letra vai se alterando. Muitas notas foram, sem dúvida, registradas sobre o lombo da mula Balalaika, o que pode ser comprovado pelo traçado sacolejante da escrita.

O vaqueiro Manuelzão declara a respeito dessa caderneta:

Era um caderno espiral grande. Ele vivia com ele na mão escrevendo, da mania de perguntar e anotar – Eu tenho explicado isto pra muita gente. Em muitas entrevistas que tenho feito, explicando que tudo ele tomava nota. Muita gente acha que eu tô mentindo, e confessa - que de qualquer maneira a gente podia ter escrito, mas reconhece que lhe faltava tempo – Eu era responsável pela viagem, tinha que ficar olhando praqui e ali (MEYER, 1998, p.57).

MEYER (1998) reproduz o depoimento do repórter fotográfico Eugênio Silva que registrou parte da histórica viagem da Boiada para a revista “O Cruzeiro”. Segundo ele, Guimarães Rosa perguntava constantemente aos vaqueiros os assuntos mais variados para, logo a seguir, anotar em sua cadernetinha pendurada no pescoço. Infelizmente, em todas as fotos a cadernetinha não aparece, *talvez ele guardasse no bolso da camisa*, justifica o fotógrafo.

Todas as anotações da caderneta foram datilografadas pelo escritor. O processo de transcrição planejado e organizado seguiu o mesmo padrão. A folha de papel usada era sempre a mesma cor branca, sem pauta, formato 20x25cm, trazendo na margem superior a palavra cópia impressa em vermelho. A maneira de inserir o papel na máquina era sempre igual, pelo avesso de tal maneira que a palavra cópia ficasse invertida. Essa técnica de trabalhar sugere como Guimarães Rosa era metódico e sistemático. Encontramos nas pastas, textos e rascunhos dessa viagem a Minas, o que demonstra que tudo era devidamente arquivado. Confrontando os manuscritos da caderneta com o material datilografado (pasta EO 29, BOIADA 2) percebe-se que Guimarães Rosa transcreve na íntegra os registros de campo. Três páginas da caderneta correspondem a uma lauda datilografada.

A maneira de ocupar o papel também era sempre a mesma. O lado direito da folha reservado para o texto datilografado e o esquerdo para anotações, destaques e marcações posteriores com lápis de cores vermelhas, azuis, verdes e grafite. As marcações no texto são constantes, assinalando partes com chaves, círculos, traços, grifos, setas, cruz, exclamações, interrogações, xis, hachuras em várias direções ou até mesmo colorindo todo o trecho. Muitas vezes combina um tipo de sinal com outro, formando um escrito colorido e arquitetônico.

As marcações no texto são perfeitas – sinalizadas sem pressa e com capricho – e não prejudicam a leitura. A letra, redonda e miúda, é impecável e bastante legível, nem parecendo caligrafia

de médico. Além desses destaques, Guimarães escolhia uma palavra chave para o trecho assinalado, indexando o material para compor o índice geral, presente na primeira página. Sem dúvida, essa sistemática facilitava uma consulta posterior.

Em algumas passagens, há o registro de utilização daquelas notas em alguns contos publicados pelo escritor. Um sinal muito característico é **m%**, ou seja, meu cem por cento, que antecede as expressões que cria ou recria.

### **Boiada 1**

A BOIADA 1 é o título que Guimarães Rosa deu ao conjunto de suas notas de viagem que compreende o período desde a saída do Rio de Janeiro até a chegada e permanência, de uma semana, na fazenda da Sirga. Todo esse material foi organizado por Guimarães Rosa em 80 páginas datilografadas numeradas sempre na margem direita e arrumado com uma capa de papelão onde está grafado, com lápis vermelho e letras maiúsculas, bem no alto e centralizado, A BOIADA e sob o nome, dentro de um círculo, o número 1 em cor azul marinho. No verso da capa há um pequeno índice manuscrito a lápis, ocupando a margem esquerda do papel. O índice cumpre um papel importante, facilita encontrar rapidamente a matéria de interesse e, ao mesmo tempo, indica o conteúdo:

Noite 7/9/20 etc.  
M.A. o Boi – 44 (I)  
O gato e as rolas -50  
Sambaíba – para limpar qualquer metal -76  
Estouro – 28,35,36,37,59,78,79  
Nomes vacas = 42,43  
canôas que afundam = p.39  
(índice da Boiada 1 transcrito da pasta EO 28)

Quase 90% dos registros da BOIADA 1 referem-se à fazenda Sirga (da página 10 até o final, página 80). As notas são em sua maioria relacionadas à temática BOI: cores, nomes, aboios e berros, cheiros, comportamentos dos animais, saúde, doenças e remédios caseiros, reprodução, carrear, estórias, tipos de carro, estouros de boiada. Durante o período em que passou na fazenda, ele tomou notas todos os dias (raríssimo mencionar a hora), exceto no dia 17 de maio, sábado, véspera da saída da Boiada. Cada amanhecer, entardecer e anoitecer mereceram destaque. Aliás, as variações do dia estão registradas ao longo de toda a viagem, constituindo um verdadeiro diário.

Esta madrugada, deitado, via a lua, já baixa, lua cheia, pronta a ir-se. (Lado meu era o poente). Poente da lua cheia (ainda alto, eclipsado). Depois às 4hs 30', as nuvens cinzento-verde, leve. Hora em que as nuvens (isoladas) refletem os verdes do mundo. Depois, elas ficam azul e rosa). (Boiada 1, p.4 - 10/5/1952).

Levantamos às 4hs.30'. lua alta, ao poente. Até às 5hs.30' - lua alta (clara, já minguada, só os 2/3 superiores. Ao nascente surgem as barras do dia. Algumas estrelas. Galos cantam.– A lua está bem em cima do Escorpião”(Antonio) ( Boiada 1, p.7 – 13/5/1952).

Guimarães Rosa se interessa e se preocupa em nomear com exatidão tudo que lhe é significativo. A preferência do escritor pelas flores e aves, particularmente os passarinhos, se manifesta claramente desde o princípio da viagem. As flores lhe chamam atenção pela cor e pelo cheiro. Os passarinhos, pela cor e pelo som. Ele reproduz nas páginas o canto dos pássaros através de vocábulos onomatopaicos

AGUA-SÓ: O canto é tiririri-chóo-chóo-chóo-água só, água só...!(reza-povo, reza-povo!... outros dizem que é como ele canta) Canta espritado: água-só, água-só... fica em beira d'água, beira de vereda

SARIEMA: Káu! Káu! KáuKáuKáuKáu

JAÓ - (do baixio, não dos gerais): assovia: (canta clara, positivamente: - Eu sou jaó!

ZABELÊ: é menor: Eu sou zabelê!...

PERDIZ: assovia chamando o cachorro, claramente

ANHAMBU: canta bonito (Boiada 1, p.19, 20 -15/5)

A cultura popular está bem presente através dos causos, quadrinhas, versos e desafios marcando (ou pontuando) o som da viola e das danças, expressões da região, conversas dos vaqueiros e o conhecimento popular a respeito dos bichos e das plantas, aprendidos informalmente através das relações sociais de trabalho e de lazer. Guimarães Rosa faz questão de escrever o ser-tão do vaqueiro.

Acompanhamento: (viola): re - tintim, tintim, retintim, tintim, retintim tem-tem (Boiada 1., p.28)

Morena, não sai lá fora/que lá fora está ventando.

Olha a fôlha do coqueiro/está só balanceando.

Eeeeeeeeeeeeeeeeeeei!ôôô - êêê - ohôhi.....

Eu fui vaqueiro sete anos/na fazenda do Capão.

Lidava com o gado todo/e com a filha do Patrão.

Eêêê - ôôô -

Querer bem é muito bom/mas é muito perigoso:

se eu morrer, eu perco a vida,/se matar, sou criminoso...

Vaqueiro quando viaja/viaja la pro sertão

Mulher dele fica em casa,/não tira o lenço da mão (Boiada 2, p.2)

## Boiada 2

A segunda parte do Diário de viagem ao sertão mineiro recebeu do autor a denominação de A BOIADA 2, que se encontra na pasta Estudos para Obras 29, com 77 páginas. Nesta pasta estão guardados todos os registros datilografados da travessia da boiada da fazenda da Sirga à fazenda São Francisco. A apresentação do material é semelhante à Boiada 1. O conteúdo dominante refere-se ao gado, como classificação da qualidade do animal, rastros, cores, chifres e berros de boi. Assuntos relacionados à vida sertaneja merecem registro: porteiras, cercas, curral, selas, cangalhas, pelegos, simpatias, carro-de-boi, fazendas, animais e árvores do cerrado. Os “causos”, estórias, expressões, conversas, promessas, versos, brincadeiras não passam despercebidos. Tudo devidamente datilografado e copiado da caderneta de campo.

6 horas da manhã. Claridade da madrugada. O sol ainda não saiu. Está clareando agora, resumindo – “romper da aurora”. Perto de nós, o grosso, enorme rolo reto, de bruma branca. (fumaça) desce da bocaína pela baixada. Sobre ele o outeiro, que marca o nascente. Grandes nuvens alaranjadas, que, a certa hora, se mudam em azuis – mas sobre elas o céu se torna de difusos laivos côr de rosa, extensos. São agora riscos, grossos, imensos, irradiados = aumentação dos raios do sol (parecem uma). Maioria a claridade.”, “A bruma sobre o melôso. Aruvalho ( orvalho) pesa, pesa na ponta da folha...”Um aruvalho nojento”...O sol saindo (subindo) nossas sombras ficando grandes (engrandecendo) (Boiada 2, p.73 e 74 – 28/5/1952, Taboquinha).

É importante frisar que as notas de campo abrangem e incorporam o sertão na sua totalidade. Guimarães não tinha a intenção de produzir uma etnografia. As anotações contêm dados de uma experiência absorvida (uso de propósito o termo, pois percebo que ele vai tragando a viagem nos seus múltiplos aspectos, os cheiros, sons, cores, gostos e tatos ficam impregnados na pele do autor, são incorporados).

A fala dos vaqueiros ocupa grande parte do texto. Gradativamente eles passam a ser familiares. O leitor, como um espectador, embarca nessa travessia e assume o papel de um personagem que partilha com os vaqueiros a lida com o gado, a comida, as conversas fiadas no calor da fogueira e o descanso.

Às vezes, a leitura do diário da **Boiada** indica com clareza quem fala, ou seja, Guimarães Rosa anota a autoria do depoimento. Outras vezes não há identificação de nome e o leitor induz que ele esteja conversando com um dos vaqueiros, principalmente o Zito, com quem mais proseou.

O Zito não tinha outra coisa mais a fazer senão ser guia do gado. O Zito tinha mais tempo. Eu não tinha tempo de ficar explicando ele. Ele (Guimarães Rosa) via uma árvore queria saber finalidade daquilo, via um capim num lugar mais seco e outro mais úmido, queria saber porque ele tinha secado e o outro tava úmido. Nome de passarinho, estas coisas todas queria saber” (Manuelzão, apud MEYER, 1998, p.53).

Há outros momentos em que se percebe que o registro refere-se a um acontecimento da hora. Por exemplo: ele está vendo um pássaro e registra as observações daquela ave. Em outras passagens, anota as informações ouvidas independente dos fatos.

Guimarães Rosa investiga o saber empírico dos vaqueiros, valorizando o conhecimento sertanejo. Apesar de sua preocupação ser literária, a forma como registra os depoimentos é muito significativa e lembra uma pesquisa etnobiológica. O autor sensível a percepção e o saber empírico dos vaqueiros, penetra no uni-verso do sertão. O médico-diplomata transforma-se, intuitivamente, em antropólogo. Pergunta tudo aos vaqueiros, deixando aos informantes a liberdade de responder de acordo com sua lógica e conceito. E é esta lógica e conceito que ele registra, na maioria das vezes, no seu diário de viagem, intercalando-os com suas anotações pessoais.

### **As anotações de Guimarães Rosa: uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas**

...As palavras são de carne e osso, seres vivos. A carne macia das vogais e a ossatura das consoantes (ROSA, 1983 p.86).

Um princípio geral guiava Guimarães Rosa, a idéia de um texto em constante processo de tessitura para que possa ser atingida a qualidade esperada. Desta forma, ele se preocupa em guardar todos os rascunhos - os textos “menos perfeitos” ou de “aperfeiçoamento problemático” e chega a reescrever um texto várias vezes. A existência de mais de cinco versões para registrar a saída da Boiada da fazenda da Sirga, arquivadas na pasta 26 do EO, exemplifica essa prática do autor. O arquivamento de várias versões sobre o mesmo texto tem uma explicação razoável. Segundo a filha, Vilma Guimarães Rosa,

Papai raramente destruía o que escrevesse. O patinho feio, mantido e cuidado, pode crescer cisne. O que escrevesse, guardava. Sob o título geral Rejecta, colecionava os seus escritos que julgasse menos perfeitos ou de aperfeiçoamento problemático. Em alguma hora, voltaria a procurar a desejada solução estética, insistindo sempre até encontrá-la (ROSA,1983, p.78).

A preocupação com a qualidade do texto aparece novamente em outros depoimentos dados à filha:

Se estiver achando tudo o que escreve ótimo, cuidado. Descanse o material numa gaveta e depois releia, com outro espírito. Sem pressa. Lembre-se, não se fabrica livros como se faz macarrão. Qualidade é sempre mais importante do que quantidade (ROSA, 1983. p.61).

Segundo RESENDE (1994), o ato de escrever para Guimarães Rosa era um rito: Começava por “limpar o aparelho”. Para isso tinha uns lápis de ponta fina. Fazia uns desenhos e escrevia algumas palavras soltas. Só trabalhava de pé diante de uma prancheta de desenhista, o que talvez refletisse a preocupação do médico com o próprio aparelho circulatório.

A ponta dos lápis e a cor eram imprescindíveis no ritual da escrita. A cor tem um significado para Guimarães Rosa e desempenha um papel de código estético nas marcações. Rasuras são poucas nos originais: quando havia necessidade de trocar ou acrescentar uma palavra, tudo era feito com cuidado e capricho, à mão, com uma caneta tinteiro, sendo possível identificar a palavra substituída, talvez uma técnica particular para não perdê-la.

Todo o material coletado, após o ritual de processamento que exigia reler as notas, passar para um caderno, classificar e pôr em ordem, resultava em: *uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas*, como ele caracterizava o seu trabalho em carta endereçada ao pai em 05 de julho de 1956,

...agora eu estou justamente relendo as mesmas (notas), e passando para um caderno, classificadas e em ordem, tôdas as informações, para serem aproveitadas em futuros livros. É uma bela pilha de papel, sortida de vitaminas (ROSA, 1983, p.180).

A pilha de papel vitaminada servia para “alimentar” futuros livros e o próprio Guimarães declarou passar, às vezes, várias horas trancado, escrevendo sem interrupção.

**A Boiada** representa um inventário informal da fauna e da flora do sertão mineiro na década de 50 e uma descrição da vida sócio-cultural do vaqueiro (MEYER, 1988). Há mais de uma centena de notas sobre bois e pássaros. Entre os passarinhos, os mais citados (sem considerar as quadrinhas) são nhambu, pássaro-preto, gavião, coruja, rolinha-fogo-apagou, periquito, maria-branca, pica-pau, pomba-verdadeira, seriema, papagaio. Os insetos aparecem em menor proporção e os mais observados foram os marimbondos, as abelhas e as borboletas. A flora está representada com espécies típicas do cerrado e os capins ganham destaque na vegetação. Guimarães Rosa registra o trabalho do vaqueiro, as crenças e expressões populares, as músicas, brincadeiras, jogos e danças, os remédios caseiros; enfim, o corpo a corpo com o sertão.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Olímpio de Souza. *Caderneta de campo de Euclides da Cunha*. São Paulo: Cultrix, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985. (Tese de Doutorado).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza – a natureza de Guimarães Rosa*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998 (tese de doutorado).
- LORENZ, Günter W. In: MINAS GERAIS - SUPLEMENTO LITERÁRIO. Literatura deve ser vida - diálogo de Günter W. Lorenz com João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, v.IX, n.395, mar. 1974.

RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios - Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Baú de alfaias*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984, (Dissertação de Mestrado).



